

Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”: da inserção na agroecologia a mudança nos modos de vida

Women's Association "Rescuing Their History": from integration into agroecology to changes in lifestyles

Tatiana Frey Biehl Brandão

Professora da Universidade Federal de Alagoas, Campus de Engenharia e Ciências Agrárias.
Rio Largo, Alagoas (AL), Brasil

Sonia Maria Pessoas Pereira Bergamasco

Professora Aposentada da Unesp e da Unicamp. Campinas, São Paulo (SP), Brasil

Luciano Celso Brandão Guerreiro Barbosa

Professor da Universidade Federal de Alagoas, do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Alagoas e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias Ambientais do Instituto Federal de Alagoas. Rio Largo, Alagoas (AL), Brasil

GT04 – Meio ambiente, agroecologia, sustentabilidade e mudanças climáticas

Resumo: Este artigo busca entender como se deu a inserção da agroecologia no grupo de mulheres participantes da Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”, verificando sua influência nas relações sociais e nos modos de vida destas agricultoras. Constitui-se num Estudo de Caso na Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”, que está localizada na zona rural do Povoado de Lagoa da Volta, município de Porto da Folha, no Alto Sertão de Sergipe, composta por 21 mulheres rurais que exercem diversas atividades agrícolas e não-agrícolas, observando os preceitos da agroecologia. Esta pesquisa foi realizada por meio de uma ampla revisão de literatura, de entrevista com as associadas, da realização de grupo focal com as mulheres e de aplicação de questionário com mediadores de duas instituições parceiras. Conclui-se que a competência das agricultoras em controlar os meios de produção e organizar o seu processo produtivo, apontam que as mulheres rurais associadas pesquisadas são protagonistas na gestão e controle dos sistemas socioprodutivos da Associação, tendo a agroecologia como um ponto que gerou a transformação social do grupo, ao tempo que possibilitou uma nova significação ou ressignificação de seus modos de vida.

Palavras-chave: Mulheres rurais, desenvolvimento rural, semiárido.

Abstract: This article seeks to understand how the insertion of agroecology took place in the group of women participating in the Women's Association "Rescuing Your Story", verifying its influence on the social relations and on the ways of life of these female farmers. It consists of a Case Study at the Women's Association "Rescuing Your Story", which is located in the rural area of the Lagoa da Volta Village, municipality of Porto da Folha, in the High Hinterlands of Sergipe, composed of 21 rural women who exercise different agricultural and non-agricultural activities, observing the precepts of agroecology. This research was carried out through a wide literature review, interviews with members, a focus group with women and a questionnaire with mediators from two partner institutions. It is concluded that the competence of the farmers in controlling the means of production and organizing their production process, point out that the associated rural women surveyed are protagonists in the management and control of the Association's socio-productive systems, with agroecology as a point that generated the transformation of the group, at the same time that it made possible a new meaning or resignification of their ways of life.

Keywords: Rural women, rural development, semiarid.

1. Introdução

Este trabalho percebe o rural contemporâneo através de uma nova ruralidade construída por atores sociais que habitam neste *lócus*, onde os agricultores e agricultoras familiares mantêm também relações sociais de proximidade, culturais, econômicas e ecológicas, e, portanto, não restringem as suas relações à produção agrícola.

Neste contexto, a agroecologia contribui com o processo de busca dos agricultores familiares por autonomia e qualidade de vida, que, por sua vez, se expressa pela gestão dos recursos existentes em seus agroecossistemas de forma sustentável, pelas competências e conhecimentos dos membros da família acerca dos processos produtivos agrícola e não agrícola que podem ser praticados nas propriedades rurais e pelas diversidades de formas que podem ser organizadas para a alocação da força de trabalho familiar e para obtenção de renda (monetária e não monetária), de acordo com a capacidade de empreender, dos recursos existentes na propriedade rural e dos modos e projetos de vida da família rural.

Observa-se, também, que a agroecologia requer uma lógica reprodutiva que inclua e contemple a participação dos membros da família nas atividades produtivas que contribuam no seu processo de desenvolvimento socioeconômico, lhes proporcionando voz ativa no processo decisório. Caso isso não ocorra, a agroecologia não é realizada de forma efetiva, pois não contemplará universalmente seus princípios balizadores, que vai além produção ou gestão agrônômica dos agroecossistemas, mas incide sobre aspectos sociais, políticos e culturais.

Dito isso, a agroecologia se apresenta como uma alternativa importante para o desenvolvimento rural na Região do Nordeste brasileiro, principalmente no contexto da agricultura familiar, uma vez que é notória a importância socioeconômica deste grupo social da agricultura para que ocorra de forma efetiva um desenvolvimento rural no Nordeste brasileiro.

O Nordeste brasileiro precisa reconstruir o seu setor agropecuário, capacitando-o para assegurar uma oferta de alimentos para desbloquear os caminhos de acesso ao desenvolvimento, dando prioridade à transformação da economia da zona semiárida, visto que o impacto da seca concentra-se na agricultura de subsistência, o segmento mais frágil do sistema (FURTADO, 2009), assim como, pensar formas de manejo agropecuários que dialoguem com as singularidades ecológicas existentes na região e que possam contribuir com a redução dos níveis de insegurança alimentar e pobreza, pois existe uma riqueza ecológica e cultural na região que pode dialogar com as singularidades locais e converte-se em alternativas produtivas, ora para a obtenção de receita monetária, ora para gerar segurança alimentar as famílias rurais nordestinas.

Na Região do Semiárido Brasileiro o bioma predominante no semiárido é o da Caatinga que ocupa 11% do território nacional e 49% do território do estado de Sergipe, sendo este o único bioma exclusivamente brasileiro, ou seja, um patrimônio biológico brasileiro (CARVALHO PP, 2012; BRASIL, 2009). Além disso, a região possui uma área de 1.335.298 km², local onde residem 15,3% da população brasileira e 50,5% da população nordestina (ASABRASIL). Observa-se uma identidade singular da relação simbólica do povo sertanejo

com a Caatinga, o que expressa sua mundanidade pela maneira de coexistir com o mundo semiárido. Essa coexistência muitas vezes foi mal interpretada e estereotipada, pela falta de compreensão sobre essa população tradicional que habita um território de exclusão (CARVALHO PP, 2012).

Todavia, enquanto a imagem predominante do Nordeste no cenário nacional é o castigo da seca, no rural do Semiárido Nordestino nota-se a presença de uma população que vive do trabalho na terra, produzindo em pequenas e médias propriedades e resistindo às intempéries naturais e sociais. Assim, ainda hoje a agricultura de subsistência ocupa um papel estratégico para a existência da região (ALBUQUERQUE; CANIELLO, 2015).

Por outro lado, de acordo com Carvalho LD (2012, p. 135), as propriedades rurais familiares situadas no Semiárido Brasileiro apresentam “[...] pouca disponibilidade de terra, limitado acesso a água e com restrito acesso aos benefícios das políticas públicas, a agricultura familiar tem sido historicamente mantida em uma situação de grande vulnerabilidade social”.

Porém, atualmente, os planos de desenvolvimento para o rural neste território detêm como parâmetro a proposta de convivência com o semiárido. Esta aparece atrelada a uma possibilidade de desenvolvimento sustentável baseado na agricultura familiar e na busca de segurança alimentar e nutricional (CARVALHO, 2006).

Outra questão relevante sobre a Região Rural do Nordeste brasileiro, diz respeito a vulnerabilidade (econômica, material e simbólica) das mulheres que dependem da agricultura familiar, visto que estas passam por discriminação e desigualdades, inclusive, por parte das políticas públicas (SCHEFLER, 2013). Isto pode ser constatado na desigualdade sobre a posse da terra entre homens e mulheres, pois apenas 23% dos estabelecimentos agropecuários pertencem as mulheres produtoras, segundo o Censo Agropecuário de 2017 do IBGE (2017).

Diante disto, esta pesquisa se desenvolve a partir da análise do modo de vida da categoria social dos agricultores familiares, especificamente das mulheres camponesas que vivem e trabalham no Sertão Sergipano, tendo como premissa a afirmação de Paulilo (2016) de que não podemos desconsiderar a importância dos movimentos das mulheres agricultoras que tem apresentado como pauta a busca por uma maior equidade social, questões de classe e de pobreza, a defesa pela produção de alimentos saudáveis e o uso das sementes crioulas.

Assim, este trabalho possui como universo de pesquisa a Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”, localizada na zona rural do Povoado de Lagoa da Volta, em Porto da Folha, Sergipe, onde, desde 2003, um grupo de mulheres se organizou de forma coletiva para enfrentar as relações de gênero, a desnutrição infantil e a falta de trabalho para as mulheres

rurais. Diante do exposto, esta pesquisa possui como objetivo entender como se deu a inserção da agroecologia para as integrantes da Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”, verificando sua influência nas relações sociais e nos modos de vida destas agricultoras.

2. Revisão da Literatura

Com a emergência da agricultura sustentável, na década de 1970, enquanto um contramovimento à política da modernização e industrialização indiscriminada dos sistemas socioprodutivos agrícolas, assim, as diversas formas de agricultura sustentável, como é o caso dos sistemas produtivos agroecológicos, são uma forma de organização da produção que potencializa a utilização dos recursos disponíveis nos estabelecimentos rurais, que contribui para que haja uma redução no uso de insumo (BRANDENBURG, 2002). Neste contexto, de acordo com Assis e Romeiro (2002, p. 72), a agroecologia surge como

[...] uma ciência que busca o entendimento do funcionamento de agroecossistemas complexos, bem como das diferentes interações presentes nestes, tendo como princípio a conservação e a ampliação da biodiversidade dos sistemas agrícola como base para produzir auto-regulação e consequentemente sustentabilidade.

Deste modo, a agroecologia não é apenas um sistema produtivo, mas como apontado acima pode ser considerada uma ciência complexa que interliga e dialoga com diversos outros saberes científicos (principalmente, com a ecologia, ciências sociais, agronomia, economia, entre outros) e conhecimento tácito advindo, principalmente, dos agricultores e agricultoras familiares tradicionais (indígenas, quilombolas, camponeses, assentados, entre outros).

Assim, o sistema socioprodutivo agroecológico constitui-se numa agricultura menos agressiva ao ambiente, ao tempo que promove a inclusão social e uma situação de segurança alimentar para os agricultores e sociedade. Colabora, ainda, para melhorar as condições socioeconômicas dos agricultores, pois este sistema, prima pela produção diversificada de produtos agropecuários *in natura* e agroindustrializados, fato este que possibilita uma diversificação da pauta produtiva e do fluxo de recebimento de rendas no transcorrer do ano.

Cabe ainda salientar, que os alimentos agroecológicos são isentos de resíduos químicos e de hormônios, além de não serem utilizados na produção organismos geneticamente modificados (HESPANHOL, 2008; SAQUET *et al*, 2010).

Guzmán (2009, p. 29) sintetiza as estratégias agroecológicas

[...] como o manejo ecológico dos recursos naturais que, incorporando uma ação social coletiva de caráter participativo, permitia projetar métodos de desenvolvimento sustentável. Isso se realiza através de um enfoque holístico e uma estratégia sistêmica que reconduza o curso alterado da evolução social e ecológica, mediante o estabelecimento de mecanismo de controle das forças produtivas para frear as formas de produção degradantes e expoliadora da natureza e da sociedade, causadoras da atual crise ecológica. Em tal estratégia, desempenha o papel central da dimensão local

como portadora de um potencial endógeno que, através da articulação do conhecimento camponês com o científico, permita a implantação de sistemas de agricultura alternativa potenciadores da biodiversidade ecológica e sociocultural.

Desta forma, observa-se que o sistema socioprodutivo agroecológico busca perpassar o âmbito da produção, estruturando-se como uma forma diferenciada de se obter uma melhor qualidade de vida a partir da articulação eficiente dos recursos existentes nos agroecossistemas, podendo o produto (bem ou serviço) gerado por esta articulação ser inserido no circuito econômico ou ser utilizado para a manutenção ou reprodução de seu modo e/ou projeto de vida.

Desta forma, os agricultores e agricultoras agroecológicos organizam uma lógica reprodutiva que, por um lado, busca a viabilidade econômica das propriedades rurais a partir da inserção dos produtos agroecológicos num mercado em crescente expansão e que remunera de maneira diferenciada (pagamento de preço premium) os agricultores pelo serviço que prestam à sociedade, seja por meio de atributos ligados à segurança alimentar e nutricional, à preservação/conservação do ambiente natural e à responsabilidade social.

Por outro lado, são estruturados sistemas socioprodutivos que integram o homem e a natureza, possibilitando que ambos se desenvolvam de maneira conjunta. Possibilitam ainda, que o agricultor perceba que ele detém uma relação diretamente proporcional, ou seja, a melhoria em sua condição socioeconômica está atrelada ao equilíbrio ecossistêmico e à diversidade biológica existente em seus agroecossistemas.

Neste sentido, por meio da agroecologia, os agricultores e agricultoras produzem produtos agropecuários de qualidade, seguros e diferenciados mercadologicamente, acessam o ambiente socioeconômico organizado pela economia da nova ruralidade, uma vez que contribuem e/ou usufruem (imaterialmente ou materialmente) das amenidades existentes no ambiente rural, podem utilizar os agroecossistemas para a produção de bens e/ou serviços não-agrícolas, por exemplo, desenvolvendo o turismo rural em suas propriedades agroecológicas, ao tempo que também contribuem para a sua conservação e ou ampliação.

Com relação ao manejo do sistema socioprodutivo agroecológico, o agricultor a partir das informações, dos limites e das potencialidades concernentes aos ambientes externos e internos ao agroecossistema, busca construir estratégias reprodutivas que contemplem seu conhecimento tácito, os instrumentos produtivos a sua disposição e a realidade socioambiental no qual está inserido. Deste modo, cabe ao agricultor agroecológico

[...] decidir, a partir das informações disponíveis, como os recursos (humanos, de insumos, de capital e tecnológicos) serão utilizados para serem transformados em produtos finais. Decisões como o que, quanto, como, quando e para quem produzir devem ser tomadas considerando fatores restritivos, como o tamanho da propriedade, a tecnologia disponível, os recursos financeiros do empreendimento e as necessidades de autoconsumo (LORENZANI; SOUZA FILHO, 2005, p. 87).

Além disso, os agricultores agroecológicos manejam suas propriedades rurais de maneira a valorizar e potencializar os recursos naturais existentes nestes ecossistemas. Desta maneira, a agroecologia incentiva que as estratégias reprodutivas nela empregadas, não busquem apenas retornos econômicos, mas que possibilitem a ocorrência de retornos sociais e ambientais para os agricultores e a sua família, para os agroecossistemas, para o ambiente rural e para os atores inseridos neste sistema socioproductivo.

Desta forma, Candioto, Carrijo e Oliveira (2008, p. 222-223) tecem um comentário importante. Para eles:

[...] A saúde da família rural, o aproveitamento dos recursos naturais da propriedade, a policultura e o extrativismo, a aproximação direta com o consumidor, a criação de mercados justos fundamentados na economia solidária e a politização dos agricultores, para que estes sejam protagonistas do desenvolvimento rural local [...],

Cabe ressaltar que estes mecanismos emergem como importantes elementos para a estabilidade socioeconômica e equilíbrio ambiental dos estabelecimentos rurais e para a busca da melhoria da qualidade de vida dos agricultores e de seus familiares por meio da possibilidade de ser estruturada uma lógica reprodutiva que se constrói de maneira multiprodutiva e multidimensional. Porém, precisa ser evidenciado que esse é um paradigma em construção.

Portanto, os agricultores e agricultoras agroecológicos organizam em seus agroecossistemas uma pauta produtiva diversificada ofertando uma gama variada de bens e serviços, seja de origem agrícola como não-agrícola ou consorciando estes dois tipos de atividades socioeconômicas. Por outro lado, a pluriatividade no contexto do princípio da agroecologia, possibilita que a diversidade produtiva e de formas de alocação da força de trabalho familiar se expressem dentro da propriedade rural, ou a partir dela, contudo, sempre contemplando a coevolução com a natureza.

3. Metodologia

Neste sentido, esta pesquisa se constitui num Estudo de Caso da Associação de Mulheres “Resgatando Sua História”, que atualmente desempenha diversas atividades agrícolas e não agrícolas, observando os preceitos da agroecologia no Semiárido Sergipano. A opção por esta estratégia metodológica se deu pela possibilidade de penetrar na realidade social destas 21 mulheres que foram sujeitas desta pesquisa, em 2019.

Além de uma ampla revisão de literatura a pesquisa de campo teve o intuito de conhecer e coletar informações sobre a organização coletiva das mulheres rurais participantes da Associação. Portanto, no período de abril a setembro de 2019, foram realizadas entrevistas

individuais estruturadas com questões abertas e fechadas com todas as 21 associadas (MARCONI; LAKATOS, 2005).

Já em 2 setembro de 2019, foi realizada a coleta de dados através de grupo focal, onde compareceram 13 sócias, visto que este procedimento “[...] é um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo, que privilegia a observação e o registro de experiências e reações dos participantes [...]” (GIL, 2009, p. 83). Neste sentido, o grupo focal, também é “[...] útil quando existem diferenças de poder entre participantes [...] ou, ainda quando interessa investigar o nível de consenso sobre um dado tópico[...]” (SAMPAIO *et al*, 2006, p. 67).

Observa-se que dois terços das associadas têm mais de 50 anos, sendo que nove são sócias fundadoras da Associação enquanto cinco ingressaram em 2018, e 11 associadas já desempenharam cargos gestão. Todas são alfabetizadas (duas possuem ensino superior, duas cursam Engenharia Agrônômica e sete tem ensino médio); a maioria são casadas e têm filhos.

A maioria, 19 associadas, são sertanejas; 13 se reconhecem no ofício de agricultoras, cinco são servidoras públicas e duas como estudantes. As mulheres apontam, também, como ocupações a Associação, os movimentos sociais, como donas de casa e aposentadas.

Constatou-se que os cuidados domésticos e com as crianças são as atividades que mais consomem o tempo das mulheres. Já em relação as atividades produtivas, percebe-se que as mulheres dispendem a maior parte do tempo às atividades agrícolas, seguida das atividades na Associação e outras atividades laborais, sendo que o estudo, o lazer, a igreja e a comercialização também fazem parte da vida cotidiana das associadas.

Em uma outra etapa da pesquisa foram ouvidas as entidades parceiras da Associação: (i) o Centro de Assessoria e Serviços aos/as Trabalhadores/as da Terra Dom José Brandão de Castro (CDJBC), uma Organização da Sociedade Civil que a 24 anos atua em todo território do Estado de Sergipe e presta Assessoria Técnica à Associação e Mulheres desde 2003; e (ii) a Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (EMDAGRO), vinculada à Secretaria de Agricultura e presta serviço de assistência técnica e extensão rural no Estado a 50 anos.

Por motivos de agenda de trabalho utilizou-se como instrumento para coleta de dados um questionário constituído por perguntas abertas (MARCONI e LAKATOS, 2005; OLIVEIRA, 2016; RICHARDNON, 1999). Assim, nos meses de agosto e setembro de 2019, recebeu-se as perguntas respondidas por escrito de dois informantes pertencentes a instituições parceiras da Associação de Mulheres: (i) o informante “A”, que desde 2011 presta assessoria técnica para a Associação de Mulheres, via Projeto Dom Helder Câmara, desenvolvido pelo CDJBC, e atualmente mantém contato com a Associação exercendo trabalho voluntário, no que

diz respeito ao acompanhamento técnico; (ii) enquanto o informante “B” atua junto as mulheres rurais desde a criação do “grupo de interesse”, em 1988, mas hoje executa atividades “apenas em situações esporádicas, quando da aplicação de políticas públicas”.

Acrescente-se a isto, a contribuição metodológica da utilização do diário de campo, dos registros fotográficos durante todo percurso da pesquisa, do mesmo modo que da contribuição da técnica de observação sistemática para a coleta e análise de informações, dados e evidências sobre os fenômenos observados acerca dos objetivos propostos nesta pesquisa, para melhor compreensão da realidade vivenciada pelas mulheres associadas (MARCONI; LAKATOS, 2005; GIL, 2009; MARTINS; THEÓPHILO, 2009).

Para a análise dos resultados optou-se pela abordagem qualitativa, pois trabalhou-se “[...] com a vivência, com a experiência, com a cotidianidade e, também, com a compreensão das estruturas e das instituições como resultado da ação humana objetiva [...]” (MINAYO, 1998, p. 24). É importante ressaltar, que foram realizadas as transcrições dos áudios de todas as entrevistas, assim como, das falas das sócias durante os grupos focais. Com o objetivo de ressaltar a identidade das mulheres entrevistadas, foram utilizadas espécies de flores no lugar do nome das entrevistadas (RICHARDSON, 1999; WHITAKER, 2002).

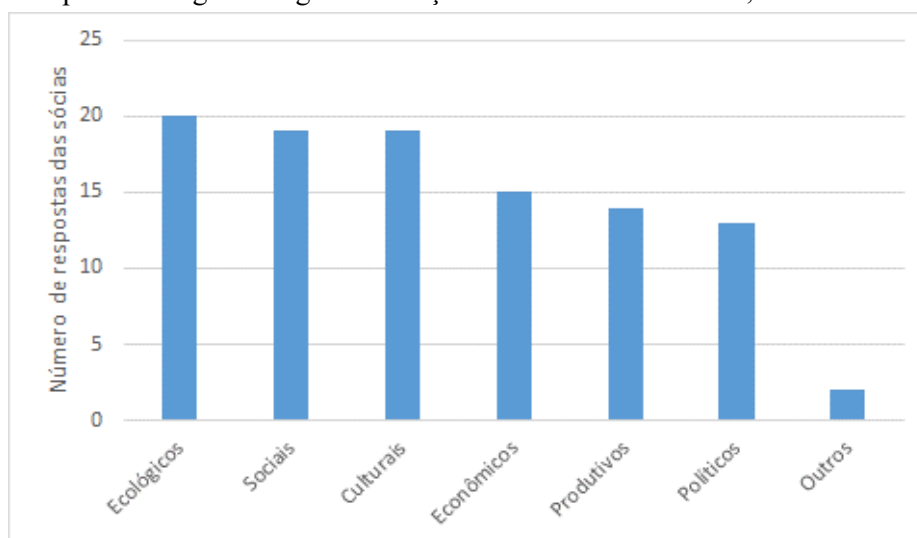
Por fim, ressalta-se ainda, que o desenvolvimento desta pesquisa está em conformidade com o protocolo do parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Campinas, número 3.016.225, aprovado em 12 de novembro de 2018, uma vez que parte das informações contidas neste trabalho são provenientes da tese de doutoramento da primeira autora. Portanto, nenhuma das participantes recusou-se a participar e todas receberam e assinaram uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

4. Discussão dos Resultados

4.1. Influência da agroecologia nas relações sociais das mulheres associadas

Após o exposto, observa-se, então, que a agroecologia vai além do manejo de um sistema produtivo sustentável no âmbito social, político, econômico, ambiental e produtivo, mas, sobretudo, pode possibilitar um processo de emancipação dos atores sociais rumo ao desenvolvimento baseado na liberdade, principalmente, para o contexto das mulheres rurais que muitas vezes são privadas de sua liberdade de escolha ou decisão. Neste contexto, a pesquisa apresenta a percepção das mulheres que compõe a Associação sobre os aspectos agroecológicos que estão presentes em suas relações sociais, conforme exposto no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Aspectos da agroecologia nas relações sociais das associadas, Porto da Folha, 2019.



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

O Gráfico 1, aponta que dentre os aspectos em que as associadas mais percebem a agroecologia em suas vidas, os mais citados foram: os aspectos ecológicos (apenas uma associada não relatou este aspecto), seguido dos aspectos sociais e culturas (apenas duas associadas não relataram este aspecto). Já mais da metade das entrevistadas, percebem, também, os aspectos econômicos, políticos e produtivos da presença da agroecologia nas suas vidas.

No que se refere aos aspectos ecológicos da agroecologia, apontado pelas associadas no grupo focal, as mulheres afirmam a preocupação com a preservação ambiental e citam cuidados com o meio ambiente, na apicultura e no sistema produtivo agrícola, como não fazer queimadas, não utilizar agrotóxico e preservar as abelhas, grandes polinizadoras naturais. Neste sentido, Rosa (2019) comenta que

Sim, tá todo mundo preocupado com o meio ambiente. Nos últimos tempos tá todo mundo preocupado com a Amazônia e eu acho que trabalhando com agroecologia, a gente tá cuidando dessa parte. **Eu sempre falo que nós precisamos mais do meio ambiente do que ele precisa de nós.** [...] quem é apicultor, cuida do meio ambiente. Eu lembro de uma frase que um colega diz em todo canto, ‘minha gente, se acabar nossas abelhas por causa desses venenos que estão por aí, vai acabar com a gente também’, porque são elas que fazem a polinização de tudo. E um apicultor, eu acho que ele é um ambientalista, um agroecológico e tudo, porque ele não vai usar agrotóxico e nem vai fazer queimada. **Grifos nossos.**

Observa-se que, além da preocupação mundial com as queimadas ocorridas na Amazônia em 2019, as associadas, retratam os aspectos ambientais, num contexto local, de grande importância para o equilíbrio ecossistêmico e para melhor convivência com o semiárido.

Nos aspectos políticos e econômicos, ressalta-se que a agroecologia se opõe a lógica hegemônica do neoliberalismo, visto que a agroecologia defende que haja uma resposta a este modelo e aos seus fundamentos que tende a excluir e marginalizar um contingente expressivo

de agricultores, de famílias rurais, ao tempo que vem deteriorando os recursos naturais e a sociedade. Segundo Guszmán (2004, p.1), agroecologia é “[...] o manejo ecológico dos recursos naturais através das formas de ações sociais coletivas que apresentam alternativas à atual crise da civilização [...]”. Assim, a dinâmica sociopolítica da agroecologia se relaciona com a natureza e com a sociedade, o que Alier chama de ‘ecologia popular’.

Em relação ao aspecto agroecológico de ser um movimento que se contrapõe ao sistema capitalista predominante, percebe-se a opção das mulheres associadas por uma outra lógica econômica, na qual relatam que o principal objetivo não é a produção para a comercialização em larga escala e de que a estratégia adotada pelas mulheres é a produção de qualidade para ser destinada, principalmente, ao autoconsumo das famílias rurais. Assim, a lógica está baseada no trabalho das mulheres e na segurança alimentar e não na obtenção de renda monetária.

Desta forma, as mulheres economizam, pois deixam de comprar alimentos advindos da agricultura convencional e suas famílias passam a ter acesso a um leque variado de alimentos produzidos de forma comunitária na Associação. Deste modo, as mulheres orgulham-se do seu trabalho enquanto agricultoras agroecológicas e presam pela qualidade da produção, onde priorizam o abastecimento das famílias das agricultoras associadas, por meio do autoconsumo, sendo o excedente da produção comercializada no Povoado de Lagoa da Volta, Sergipe. Entende-se, a autonomia política das associadas não como sendo

[...] uma apropriação multiindividual do coletivo, mas uma tentativa de atribuição de um sentido novo e social. Ela também não constituiria uma solução de substituição às autonomias mais ou menos individuais; ela não substitui o político, mas o ‘transforma’ (ALMEIDA, 2009, p. 180).

Neste contexto, a pesquisa, também, procurou compreender a percepção das sócias sobre agroecologia e como este termo se inseriu neste grupo de mulheres.

4.2. A inserção do termo agroecologia no grupo de mulheres associadas

Como visto, a agroecologia é considerada como uma

[...] nova ciência comprometida com os interesses sociais e ecológicos dos movimentos populares e com a articulação entre as ciências sociais e naturais na compreensão dos problemas sócio-ambientais da atualidade, buscando cada vez mais soluções realmente sustentáveis [...] (MOREIRA; CARMO, 2004, p. 55).

Neste sentido, a agroecologia interliga a preservação e a ampliação da biodiversidade dos agroecossistemas e a preservação da diversidade cultural das populações, como sendo dois princípios fundamentais do conhecimento agroecológico. Sabendo que o conhecimento das populações tradicionais colabora para compreensão dos saberes agroecológicos, a pesquisa teve como um importante interesse de estudo, verificar a percepção das mulheres sobre alguns aspectos do termo agroecologia, assim como, compreender de que forma este termo passou a ser reconhecido pelas associadas.

Considerando que o grupo de mulheres começou a se reunir e organizar o movimento para a formação da Associação em 2003, as entrevistas realizadas com as associadas, buscando entender a quanto tempo conhecem o nome agroecologia chegou ao seguinte resultado: das atuais 21 sócias, duas afirmaram que conhecem o termo agroecologia de 15 a 20 anos, seis entrevistadas conhecem o termo de 13 a 17 anos, três conhecem entre 05 a 10 anos, três sócias conhecem o termo a menos de 05 anos e sete sócias não responderam ou não souberam informar a quanto tempo conhecem o nome agroecologia.

Importante observar que das 21 sócias, nove entrevistadas passaram a conhecer o termo agroecologia na Associação de Mulheres, cinco tomaram conhecimento através das ONGs parceiras da Associação, três conheceram na escola, duas afirmam que conheceram o termo através dos movimentos sociais e na Associação, uma sócia conheceu o termo agroecologia nos movimentos sociais e com outros agricultores(as) e uma não respondeu.

Também, esta pesquisa, buscou verificar qual a compreensão deste grupo de mulheres sobre o termo agroecologia, por meio das expressões mencionadas durante as falas no grupo focal, momento no qual sete sócias manifestaram a sua compreensão sobre o que é a agroecologia e como esta contribui para a vida destas mulheres, conforme Quadro 1 abaixo.

Quadro 1 - Percepção das integrantes da Associação sobre agroecologia, Porto da Folha, Sergipe, 2019.

Entendimento das sócias sobre agroecologia	
Integrantes da Associação em 2019.	A agroecologia não é "agropop, agro é tudo", não (risos). É agroecologia mesmo (fala de outras sócias). Agroecologia é um todo. A gente pensa que é só não trabalhar com veneno. Aonde eu estiver, eu tenho que praticar agroecologia. Começa em casa, vai pra rua e aonde eu estiver, eu sou agroecológica. Se eu pratico isso, chego na rua, como um biscoito e jogo um papel na rua, eu não sou agroecológica. Não tem nada de agroecologia nisso. Agroecologia é vida e o agrotóxico é morte. Pior ainda, é o transgênico, que são vários genes, de veneno e tudo. Mesmo a gente sendo agroecológica, ainda estamos usando produto químico, porque não produzimos tudo. [...] num intercâmbio lá em Brumado, na roda de conversa das mulheres, elas me disseram 'Eu tava com um pé de abóbora lindo, mas o meu marido colocou veneno no café e matou as plantas todinhas' [...] Tem coisa que nem precisava colocar produto, e eu vi o pessoal usando sem necessidade. Batata e macaxeira, pra quê? (ROSA, GRUPO FOCAL, 2019).
	Agroecologia é saúde. [...] Os agrotóxicos são tantos, e eles mesmos (principalmente indústrias farmacêuticas) fabricam os agrotóxicos pra ganhar dinheiro. Só pensam em capitalismo, enquanto nós que somos agroecológicos, pensamos na segurança alimentar da família. Tem lugar que daqui a pouco vai ter mais farmácia do que residência (MARGARIDA, GRUPO FOCAL, 2019).
	Saber que está comendo uma comida saudável [...] Você sabe que dali não vem doença, ali é puro, coisa da natureza de Deus. Pra mim, agroecologia é isso. (fala de outras sócias). Eu só sei que é agroecológico quando é aqui da horta, que a gente mesmo planta [...] (XIQUE-XIQUE, GRUPO FOCAL, 2019).
	Agroecologia pra mim é uma vida saudável. Às vezes eu vejo nas palestras para idosos [...] focam mais no medicamento do que na alimentação. Acaba que prejudica a saúde. E muitas pessoas quando compram, não sabem que alimentos são realmente agroecológicos. Às vezes as pessoas acham que estão comendo agroecológicos, e não é (ARAÇÁ, GRUPO FOCAL, 2019).
	Quando não é agroecológico, a durabilidade do alimento é maior (TODAS, GRUPO FOCAL, 2019).
	Se você prestar atenção no feijão, esse que você compra, ele não cozinha igual. Porque eles colocam veneno pra plantar, pra cair a folha, pra colher e pra conservar. O que você planta, não. É uma vantagem não estar comendo puro veneno (VIOLETA, GRUPO FOCAL, 2019).

Fonte: Pesquisa de campo, grupo focal, 2019.

Na fala das sócias, nota-se que o entendimento sobre agroecologia se acena, predominantemente, em direção a preocupação com a saúde das mulheres e de seus familiares, principalmente, no que se refere: a consumir produtos produzidos por elas; manter uma vida saudável focada no consumo e na identificação de alimentos saudáveis (manejados sem agrotóxico e não transgênicos); e não depender da indústria farmacêutica. Percebe-se, então, que mulheres rurais associadas mantem um foco maior nas questões relacionadas ao manejo da produção agrícola, seja na Associação ou nas suas propriedades rurais.

Todavia, ressalta-se que as atuais coordenadoras, são as mulheres mais atuantes na gestão da Associação, assim como, mais engajadas nas atividades políticas e sociais da instituição junto à comunidade. Desta forma, estas detêm uma compreensão mais abrangente sobre outras perspectivas da agroecologia que não apenas a face da produção e consumo de produtos agrícolas, como expõe a fala da Rosa (2019) “A agroecologia não é ‘agro pop, agro é tudo’ [...] Agroecologia é um todo. A gente pensa que é só não trabalhar com veneno [...] começa em casa, vai para rua e onde eu estiver, eu sou agroecológica [...]”.

As coordenadoras analisam, também, o comportamento dos integrantes do movimento agroecológicos frente ao sistema hegemônico que estamos inseridos, onde o único objetivo do sistema capitalista é a obtenção de lucro. Neste sentido, Margarida (2019) afirma que os atores agroecológicos detêm uma outra lógica e “[...] estão preocupados com a segurança alimentar da família [...]”, por exemplo. Neste contexto, Rosa, também, aponta para uma diferente percepção entre homens e mulheres na tomada de decisão e no manejo da produção, principalmente, no que se refere a opção pela utilização de agrotóxicos na produção.

A pesquisa aponta que não é possível vislumbrar se foi a Associação que trouxe a agroecologia para a vida das mulheres ou se foram as mulheres que trouxeram a agroecologia para a Associação, visto a apropriação do modo de vida agroecológico adotado pelas associadas. Isto pode ser representado pela fala da sócia Araçá (2019) “sem as mulheres não existe agroecologia”. Percebe-se, ainda, que a opção pelo sistema socioproductivo agroecológico foi uma escolha natural para as mulheres, como se pode verificar na fala sobre essa opção no início das atividades coletivas do grupo:

Eu não sabia o que era agroecologia, eu soube depois que era plantar sem veneno, então quando a gente começou a trabalhar para tirar as crianças da desnutrição, como a gente ia fazer isso se tivesse veneno no alimento? Aí não ia servir muito. Depois foi que surgiu o nome bonito de agroecologia, mas desde esse tempo a gente era agroecológica, sem nem saber o que era (ROSA, GRUPO FOCAL, 2019).

No sentido de colaborar com este relato, a pesquisa constatou que segundo o informante da EMDAGRO (2019), desde que conhece este grupo as mulheres já trabalhavam sob os

preceitos da Agroecologia. Segundo ele “Ainda que o termo ‘agroecologia’ não seja novo, naquele tempo não era muito usado, mas o foco já era esse: trabalhar a terra, produzir alimentos, gerar riquezas, sempre de forma sustentável!!!”.

Neste contexto, as mulheres revelam que perceberam que praticam agroecologia através dos intercâmbios e das capacitações e, segundo as sócias, este fato é entendido de forma positiva pelo grupo, pois segundo elas:

[...] A gente tinha uma noção, mas não era tão profunda. Com os intercâmbios, eles orientaram a gente e aí já dava para entender que aquilo que a gente fazia era uma coisa positiva [...] falavam sobre os alimentos e a atenção que a gente tem que ter com o que compra, se é transgênico, e assim foram mostrando a diferença entre as coisas com o veneno e as que são agroecológicas. É interessante trabalhar com agroecologia, porque traz saúde (GRUPO FOCAL, 2019).

Diante do exposto, é notório a satisfação expressada pelas sócias em trabalhar com o sistema socioprodutivo agroecológico que presa

[...] pela organização de redes de relações socioprodutivas e mercadológicas e da troca de conhecimento tácito e técnico-científico e de experiência entre os diversos atores que participam deste sistema, seja no âmbito espacial do local, do regional, do nacional e/ou do global (BARBOSA, 2013, p.25).

Assim, percebe-se a relevância da troca de experiências entre os agricultores e agricultoras agroecológicas, mesmo para os camponeses que trabalham há gerações nas suas terras, assim como, o intercâmbio dos saberes tradicionais e os conhecimentos técnicos. O amadurecimento desses conhecimentos, acabam por levar a experimentação de “novas” formas de organização dos sistemas produtivos.

4.3. Transição agroecológica na unidade produtiva das mulheres

Outro ponto importante verificado com a pesquisa, se refere a constatação acerca das mudanças no manejo da propriedade rural das mulheres após a organização coletiva das associadas. O informante do CDJBC (2019) lembra que quando conheceu o grupo de mulheres elas “estavam em processo de sensibilização e transição à agroecologia”. Diante desta perspectiva, o Quadro 2 abaixo, apresenta algumas alterações ocorridas no processo de transição nas unidades produtivas das mulheres associadas.

Quadro 2 - Alterações realizadas no sistema socioprodutivo para a transição agroecológica nas propriedades rurais das mulheres associadas, Porto da Folha, 2019.

Sócias em abril de 2019	Ingresso na Associação	Alteração do Sistema Produtivo depois da Associação / Mudanças para a Transição Agroecológica		
		Parou o uso de agrotóxico	Nunca utilizou agrotóxicos	Outras alterações
Margarida	Fundadora		x	Não mudou, sempre foi agroecológico.
Rosa	Fundadora	-	-	Mudou a forma de produzir, inseriu consórcio e rotação de culturas e mudou os cuidados com o meio ambiente.
Violeta	Fundadora		x	Mudou a forma de produzir; plantio de mais variedades; cuidados com o meio ambiente.
Caroá	Fundadora	x		Deixaram de utilizar veneno.
Bromélia	2011	x		Mudou a forma de produzir; aumentou a diversidade de hortaliças plantadas e cuidados com o meio ambiente.
Lirio	Fundadora		x	Sempre produziu assim. Alteração do conhecimento sobre produção, relação social com as pessoas.
Dália	2012		x	Nunca usou veneno, mas mudou muita coisa no sistema produtivo.
Cravina	2009		x	Sempre produziu com respeito ao meio ambiente. Depois da Associação aumentou o conhecimento com as capacitações.
Alpina	Fundadora	-	-	Aprendeu a manejar os canteiros; cuidados com o meio ambiente.
Gérbera	Fundadora	x		Mudança nos insumos (forma de produzir). Utiliza o minhocário.
Xique-xique	Fundadora	x		Melhorou os cuidados com o meio ambiente, hoje tem duas cisternas, antes da Associação não tinham água nem luz.
Malva	2012	x		Depois da Associação tem maior conscientização sobre uso de agrotóxicos.
Calíandra	Fundadora		x	Nunca usou veneno.
Jitirana	2010	-	-	Ainda usa veneno.
Araçá	2018	x		A Associação ensinou um adubo natural. Agora existe diálogo, a Associada quer ter espaço pra produzir.
Camará	2018	x		Mudanças na forma de produzir e cuidados com o meio ambiente.
Jurubeba	2018	x		Mudanças na forma de produzir e cuidados com o meio ambiente.
Alamandra	2018	x		Mudanças na forma de produzir e cuidados com o meio ambiente.
Mandacaru	2012		x	Melhorou o conhecimento sobre a produção nos intercâmbios e cursos; sempre busca implantar o que aprende.
Jurema	2012		x	Sempre produziu assim, só não tinha conhecimento do termo. Na Associação aprendeu a manejar o solo de maneira correta.
Buganvília	2018	x		Depois da Associação mudou o planejamento da produção e a divisão das tarefas.

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A partir do Quadro 2, nota-se que apesar das questões serem relacionadas as alterações realizadas no sistema socioprodutivo da propriedade de cada sócia, algumas mulheres acabam por expor a sua experiência em relação a transição agroecológica, como é o caso das sócias Alamandra e Alpina que participam das atividades produtivas na área da Associação.

As informações apresentadas no Quadro 2, ainda, revelam que os cuidados com o meio ambiente foram a principal mudança estabelecida pelas associadas durante o processo de transição agroecológica, seguido do fato de que 10 sócias afirmaram que deixaram de usar agrotóxicos em sua unidade de produção rural (em seus agroecossistemas). As agricultoras, também, apontaram outras mudanças na forma de produzir, tais como: o aumento da diversidade de hortaliças produzidas, a implantação das técnicas de consócio entre culturas, rotação de culturas e a mudança dos insumos utilizados na produção.

Para Altieri, o sistema de policultivo é mais eficiente e, frequentemente, produz mais do que as monoculturas. Assim, este melhor aproveitamento da terra é muito importante para as pequenas propriedades de terra, onde, em geral, esta é preparada e capinada manualmente. Assim, o “[...] desenvolvimento de agroecossistemas auto-suficientes, diversificado e viáveis

economicamente surgirá de novos sistemas integrados de agricultura, com tecnologias ao alcance dos agricultores e adaptadas ao meio ambiente” (ALTIERI, 2004, p. 104).

Neste contexto, em que se percebe o agroecossistema como um todo é necessário levar em conta a estabilidade e a sustentabilidade ecológica e não apenas a produção econômica (ALTIERI, 2004). Portanto, compreende-se que o trabalho associativo das mulheres pode ser visto como uma forma de resistência, pois provém

[...] mais das categorias produzidas pela crise e por um conjunto complexo de razões financeiras, econômicas, ideológicas, socioculturais, e mesmo simbólicas, caracterizadas pela vontade de implantar um sistema de produção menos exigente em termos de capital e de valorizar ao máximo os recursos humanos; razões que incorporam, além disso, elementos de importância, tal como a diversificação de cultivos, as tecnologias ‘apropriadas’, alternativas ou agroecológicas, o trabalho associativo, coletivo ou comunitário e, por vezes, a pluriatividade e a busca de identidade (ALMEIDA, 2009, p. 193-194).

Neste conjunto das tecnologias agroecológicas, além do trabalho comunitário e da diversificação de cultivos, percebe-se a opção das associadas por um sistema menos exigente em capital, pois das 21 sócias 18 informaram que não utilizam agrotóxicos em seus sistemas socioprodutivos, sendo que 10 afirmaram que deixaram de utilizar agrotóxicos para realizar a transição agroecológica, enquanto oito informaram que nunca utilizaram agrotóxicos, mesmo quando desconheciam o termo agroecologia. Contudo, duas sócias não comentaram se utilizam ou já utilizaram agrotóxicos na produção agrícola e uma afirma que ainda utiliza agrotóxicos.

Esta única sócia que afirma ainda utilizar agrotóxicos, relata que apenas o marido trabalha na produção agrícola e ele toma as decisões sobre a produção da propriedade, mas relata que depois que ingressou na Associação, em 2010, ela tem uma horta sem veneno na sua propriedade e que adota práticas agroecológicas na Associação e em casa.

Ainda sobre o processo de transição agroecológica, após o engajamento das mulheres na Associação, as sócias apontam como alterações nas relações sociais: a construção de espaço para diálogo e a conquista de um espaço para elas produzirem de forma coletiva. Além disso, quatro sócias ressaltam a importância da aplicação do conhecimento adquirido sobre os processos produtivos e o manejo do solo, principalmente, através das capacitações, cursos e intercâmbios.

Esta dualidade apresentada sobre o processo de transição agroecológica e a percepção de muitos entrevistados de que as mulheres associadas sempre praticaram agroecologia, vem reforçar as múltiplas facetas dessa ciência interdisciplinar. Nota-se que o conhecimento tradicional, passado dentro da sociedade camponesa na qual estas mulheres estão inseridas, sempre fizeram parte das práticas agrícolas das famílias rurais das associadas.

Entretanto, é nítida a absorção de conhecimento e de novas técnicas (inclusive de ecotecnologias) adotadas e partilhadas pelas sócias, especialmente, de convivência com o semiárido, no âmbito da Associação, assim como, na gestão e produção da propriedade rural das mulheres. Estas experiências foram adquiridas, principalmente, através das capacitações e intercâmbios frequentados pelas associadas. Portanto, a compreensão das associadas sobre a agroecologia está diretamente ligada a mudança de hábitos e a saúde da família, como argumenta Rosa: “[...] Não adianta de nada ter conhecimento se você não passa, guarda, ou não dá oportunidade pra outras pessoas aprenderem também [...]. Fora que o veneno tá causando muito mal, é câncer, depressão... mas ninguém leva a sério” (GRUPO FOCAL, 2019).

Assim, as sócias relatam mudanças ocorridas nas relações familiares das mulheres, mais especificamente, a utilização ou não de agrotóxicos pelos maridos, como expõe uma das sócias:

Eu tenho uma cunhada que um dia veio para uma reunião, e ela passou para o marido que não era mais pra ele usar veneno. A partir daquele momento ele deixou uma parte da terra limpa, e o que se planta lá é para família consumir. Eu acho que isso já é um bom começo, quem sabe um dia ele para de usar (GRUPO FOCAL, 2019).

Já outra sócia relata que na família dela não houve mudanças e afirma que “[...] Meu marido nunca usou veneno na vida, continua a mesma coisa” (GRUPO FOCAL, 2019). É evidente a preocupação das mulheres em relação a segurança alimentar delas e de suas famílias, quando afirmam que não utilizam agrotóxico na produção agrícola destinada ao consumo da família. Deste modo, as práticas agroecológicas não são adotadas apenas na sede da Associação, mas se estendem as unidades produtivas (agroecossistemas) e a casa das associadas.

Na percepção quase unânime das mulheres (para 20 entrevistadas) a aplicação das práticas agroecológicas acontece na casa das associadas. Por outro lado, 19 afirmam que estas práticas são aplicadas na propriedade rural, enquanto 16 sócias apontam que as práticas agroecológicas se dão na Associação. Apenas uma sócia aponta que a aplicação das práticas agroecológicas se dá apenas na Associação.

Assim, nota-se que as práticas agroecológicas fazem parte do modo de vida das famílias rurais, pois a grande maioria das sócias percebe mais as práticas agroecológicas nas suas casas e propriedades rurais do que na própria Associação, apesar da grande maioria das atuais sócias revelarem que mudaram seus sistemas produtivos depois de terem ingressado na Associação.

Portanto, neste contexto, fica explícito a relação das mulheres com a vida no ambiente rural e com a luta coletiva para que estas possam trabalhar com a terra de forma que a produção agrícola colabore com a segurança alimentar das famílias rurais e com a preservação dos recursos da Caatinga, manejando assim, os sistemas socioprodutivos (agroecossistemas) de forma a proporcionar uma convivência das famílias rurais com o semiárido.

5. Considerações finais

Foi observado que apesar da origem rural das associadas, as mulheres passaram a conhecer o termo agroecologia na Associação, através das ONGs, na escola, nos movimentos sociais, ou com outros agricultores. Entretanto, apesar das associadas passarem a conhecer o termo agroecologia através de mediadores, a pesquisa aponta que hoje não é possível vislumbrar como se deu a inserção das práticas agroecológicas neste grupo de mulheres, não sendo possível identificar se foram as mulheres que trouxeram a agroecologia para a Associação ou se foi a instituição que trouxe a agroecologia para a vida das mulheres. Entretanto, é notório que as práticas agroecológicas fazem parte do modo de vida das mulheres associadas.

As práticas agroecológicas não se restringem a preservação da Caatinga e ao manejo do agroecossistema (sistema socioprodutivo) na Associação, mas as associadas percebem a influência da agroecologia nas suas relações sociais, principalmente, nos aspectos ecológicos, sociais, culturais, mas também, relatam a presença agroecológica nos aspectos econômicos, políticos e produtivos de suas vidas. A posição das coordenadoras da Associação revela que a agroecologia faz parte do modo de vida e do cotidiano delas, colaborando assim, para que os atores sociais sejam protagonistas na implementação de soluções sustentáveis para os problemas socioambientais da atualidade e na preservação da diversidade cultural das populações, sendo estes os dois princípios fundamentais do conhecimento agroecológico ressaltados pelas mulheres associadas.

As associadas reconhecem que trabalham dentro de uma lógica de resistência ao sistema hegemônico capitalista, pois as atividades da Associação não têm como premissa a obtenção de lucro e a estratégia adotada pelas mulheres é a busca pela saúde delas e das famílias, através da qualidade da produção destinada, prioritariamente, ao autoconsumo. Assim, a lógica está baseada no trabalho das mulheres e na segurança alimentar das famílias rurais envolvidas.

A compreensão da maioria das associadas sobre a agroecologia está diretamente ligada a mudança de hábitos e a saúde da família, principalmente, no que se refere a manter uma vida saudável focada no consumo e na identificação de alimentos saudáveis, não transgênicos e produzidos por elas sem agrotóxicos, não tendo que depender da indústria química. Nota-se, então, que essas mulheres mantem um foco maior nas questões relacionadas ao manejo da produção agrícola, seja na Associação ou em suas propriedades rurais.

A maioria das sócias, relata que ocorrerão mudanças nas relações familiares, a transformação no sistema socioprodutivo das suas propriedades depois de terem ingressado na

Associação. Apontam, ainda, para uma diferente percepção entre homens e mulheres na tomada de decisão e no manejo da produção, principalmente, no que se refere, a opção pela utilização ou não de agrotóxicos, pois alguns maridos mantêm a aplicação de agrotóxico na produção.

É possível afirmar que o processo de organização social das mulheres, no formato de Associação, segue a lógica dos Empreendimentos Econômicos Solidários, pois são geridos de forma democrática e coletivas, de acordo com a racionalidade camponesa das mulheres, que exercem múltiplas e distintas atividades, no sentido de gerir os meios de produção na busca de sua autonomia, tendo os princípios da agroecologia como base para este processo.

Constatou-se, ainda, que as associadas organizam e manejam todos os processos socioprodutivos agrícolas e não agrícolas, assim como autogestionam as múltiplas atividades, sempre alicerçadas na busca pela equidade entre as questões sociais, ecológicas e econômicas.

Portanto, a competência das agricultoras em controlar os meios de produção e organizar o seu processo produtivo, apontam que as mulheres rurais associadas pesquisadas são protagonistas na gestão e controle dos sistemas socioprodutivos, tendo a agroecologia como um ponto que gerou a transformação social do grupo, ao tempo que possibilitou uma nova significação ou ressignificação de seus modos de vida.

Referências

ALBUQUERQUE, C. F. de; CANIELLO, M. de M. Migração: a amarga vida de canavieiro do camponês do semiárido. In ALBUQUERQUE, C. F. de (org). **Olhares: uma abordagem multidisciplinar sobre o semiárido alagoano**. Maceió: Edufal, 2015.

ALIER, J. M. **Da Economia Ecológica ao Ecologismo Popular**. Blumenau: Ed. da

ALMEIDA, J. **A construção social de uma nova agricultura: tecnologia agrícola e movimentos sociais no sul do Brasil**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

ASABRASIL. Semiárido Brasileiro. Disponível em: <<https://asabrasil.org.br/semiarido/>>. Acessado em 06 de abril de 2026.

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. Agroecologia e agricultura orgânica: controvérsias e tendências. In **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente: Interdisciplinaridade, Meio Ambiente e Desenvolvimento: Desafios e Avanços do Ensino e da Pesquisa**, Curitiba, PR: Editora UFPR, n.6, jul./dez. 2002, p. 67-80.

BACKES, D. S. *et al.* Grupo Focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da Saúde**. São Paulo, v.35, n.4, p.438-442, 2011.

BARBOSA, L. C. B. G. **A Pluriatividade na agroecologia como uma alternativa de desenvolvimento para o ambiente rural**. 292p. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2013.

BRANDENBURG, A. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. In **I Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade**. Indaiatuba, SP: 2002 (06 a 09 de novembro). Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/>>. Acesso em: 20 de julho de 2006.

_____. **Lei nº 11.346**, de 15 de setembro de 2006. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - Sisnan com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada e dá outras providências. Disponível em: <<http://www4.planalto.gov.br/consea/conferencia/documentos/lei-de-seguranca-alimentar-e-nutricional>>. Acessado em: 20/07/2020.

CANDIOTTO, L. Z. P.; CORRIJO, B. R.; OLIVEIRA, J. A. de. A Agroecologia e as Agroflorestas no contexto de uma agricultura sustentável. In ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (orgs). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 213-232.

CARVALHO, L. D. A Emergência da Lógica da “Convivência Com o Semi-Árido” e a Construção de uma Nova Territorialidade. In **Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. Reflexões Teórico-Práticas. Juazeiro: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial – RESAB, 2006. Disponível em: <<http://www.ppgesa.uneb.br/arquivos/AELC.pdf>> Acessado em: 21/06/2015.

_____. **Natureza, território e convivência**: novas territorialidades no semiárido brasileiro. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

CARVALHO, P. P. A convivência com o semiárido como estratégia para o combate à desertificação: uma experiência no Sertão do Araripe. In **Revista Agriculturas**: Experiências em Agroecologia. Rio de Janeiro, v 9, n 3, dez./2012, p. 17-22.

FURTADO, C. (org). **O pensamento de Celso Furtado e o Nordeste**. Rio de Janeiro: Contraponto: Centro Internacional Celso Furtado de políticas para o Desenvolvimento. Banco do Nordeste do Brasil, 2009.

GIL, A. C. **Estudo de Caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GUZMÁN, E. S. **La Agroecología como Estrategia Metodológica de Transformación Social**. Instituto de Sociología y Estudios Campesinos de la Universidad de Córdoba, Espana, 2004.

_____. Evolução e perspectivas do desenvolvimento sustentável. In ALMEIDA, J.; NAVARRO, Z. **Reconstruindo a agricultura**: idéias e ideais na perspectiva do desenvolvimento rural sustentável. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 19-32.

HESPAHOL, A. N. Desafios da geração de renda em pequenas propriedades e a questão do desenvolvimento rural sustentável no Brasil. In ALVES, A. F.; CORRIJO, B. R.; CANDIOTTO, L. Z. P. (orgs). **Desenvolvimento territorial e agroecologia**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 81-94.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo agropecuário de 2017**. Disponível em: <https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/templates/censo_agro/resultadosagro/produtores.html> Acessado em: 02/10/2020.

LEFF, E. **Saber ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOURENZANI, W. L.; SOUZA FILHO, H. M. Gestão integrada para a agricultura familiar.

In: SOUZA FILHO, H. M. de; BATALHA, M. O. (Orgs.). **Gestão integrada da agricultura familiar**. São Carlos: EdUFSCar, 2005, p. 67-94.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. Ed 6. São Paulo: Atlas, 2005.

MARTINS, G. de A. **Estudo de Caso**: Uma estratégia de pesquisa. Ed. 2. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, G. de A.; THEÓFILO, C. R. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. Ed 2. São Paulo: Atlas, 2009.

MINAYO, M. C. de S. (org). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Ed 9. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOREIRA R. M. M.; CARMO, M. S. do. Agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. *Agricultura em São Paulo*, São Paulo, v.51, n.2, p.37-56, jul./dez. 2004.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7^a ed. revisada e atualizada. Petrópolis: Vozes, 2016.

PAULILO, M. I. S. Que feminismo é esse que nasce na horta? **Política & Sociedade. Supl. Edição Especial, Florianópolis, vol. 15**, 2016, p. 296-316.

PEREZ-MARIN, A. M.; SANTOS, A. P. S. (coords.). **O semiárido brasileiro**: riquezas, diversidades e saberes. Campina Grande: INSA/MCTI, 2014.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**: métodos e técnicas. Ed 3. São Paulo: Atlas, 1999.

SAMPAIO, M. de F. A. S.; KEPPEL, A.W.; SEGALL-CORRÊA A. M.; OLIVEIRA, J. T. A. DE; PANIGASSI G.; MARANHA, L. K.; MARIN-LEON, L.; BERGAMASCO, S.M.P.P.; PEREZ-ESCAMILLA, R. (In) *Segurança Alimentar: experiência de grupos focais com populações rurais do Estado de São Paulo*. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 13, n. 1, p. 64-77, 2006.

SAQUET, M. A. *et al.* Agroecologia como estratégia de inclusão social e desenvolvimento territorial. In SAQUET, M. A.; SANTOS, R. A. dos (orgs.): **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010, p. 237-254.

SCHEFLER, M. L. N. Gênero, autonomia econômica e empoderamento, o real ao aparente: sistematização de processos de investigação-ação e/ou de intervenção social. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 1, n. 3, set./dez. 2013, p. 1-20.

WHITAKER, D.C. A (Org). **Sociologia Rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002.